

TODAS AS ARTES



REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA

ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 8, N. 3, Set.-Dez. 2025
ISSN 2184-38052

RECENSÃO DE LIVRO. ESTÉTICA INVESTIGATIVA: CONFLITOS E COMUNS NA POLÍTICA DA VERDADE

**BOOK REVIEW. INVESTIGATIVE AESTHETICS: CONFLICTS
AND COMMONS IN THE POLITICS OF TRUTH**

**CRITIQUE DE LIVRE. ESTHÉTIQUE INVESTIGATIVE:
CONFLITS ET COMMUNS DANS LA POLITIQUE DE LA VÉRITÉ**

**RESEÑA DEL LIBRO. ESTÉTICA INVESTIGATIVA: CONFLICTOS Y BIENES
COMUNES EN LA POLÍTICA DE LA VERDAD**

Lais Rabello de Andrade

Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, Porto, Portugal

RESUMO: Esta resenha analisa *Investigative Aesthetics: Conflicts and Commons in the Politics of Truth* (2021), de Matthew Fuller e Eyal Weizman, situando o livro no contexto contemporâneo de crise da evidência pública, proliferação de imagens técnicas e disputa política em torno da produção da verdade. Partindo de contribuições de Achille Mbembe e Ariella Aïsha Azoulay, o texto compreende a evidência não como dado neutro, mas como efeito de operações materiais, institucionais e históricas de validação. A resenha examina como Fuller e Weizman articulam práticas artísticas, investigação forense e infraestruturas técnicas de sensing para propor uma metodologia investigativa capaz de produzir provas publicamente mobilizáveis em arenas como o tribunal, o museu e a mídia. Ao discutir conceitos como estética procedimental, string figures e comum agonístico, o texto destaca tanto a força política do projeto — ao transformar procedimentos técnicos em operações estéticas legíveis — quanto seus limites, especialmente no que diz respeito às assimetrias estruturais que condicionam o reconhecimento da evidência. Argumenta-se, por fim, que *Investigative Aesthetics* não oferece uma solução normativa para a chamada pós-verdade, mas se afirma como uma ferramenta crítica fundamental para compreender e disputar os regimes contemporâneos de prova, arquivo e comum.

Palavras-chave: estética investigativa, forensic architecture, art-based research, arquivo, agonístico.

ABSTRACT: This review examines *Investigative Aesthetics: Conflicts and Commons in the Politics of Truth* (2021) by Matthew Fuller and Eyal Weizman, situating the book within the contemporary context of a crisis of public evidence, the proliferation of technical images, and political disputes over the production of truth. Drawing on contributions by Achille Mbembe and Ariella Aïsha Azoulay, the text approaches evidence not as neutral data but as the effect of material, institutional, and historical operations of validation. The review analyzes how Fuller and Weizman articulate artistic practices, forensic investigation, and technical infrastructures of sensing in order to propose an investigative methodology capable of producing evidence that can circulate publicly across arenas such as courts, museums, and the media. By engaging concepts such as procedural aesthetics, string figures, and agonistic commons, the text highlights both the political strength of the project—namely,

its capacity to transform technical procedures into legible aesthetic operations—and its limits, particularly with regard to the structural asymmetries that condition the recognition of evidence. Ultimately, it argues that Investigative Aesthetics does not offer a normative solution to so-called post-truth, but rather constitutes a critical tool for understanding and contesting contemporary regimes of evidence, archives, and the commons.

Keywords: investigative aesthetics, forensic architecture, art-based research, archive, agonistic.

RÉSUMÉ: Cette recension analyse *Investigative Aesthetics: Conflicts and Commons in the Politics of Truth* (2021), de Matthew Fuller et Eyal Weizman, en situant l'ouvrage dans le contexte contemporain d'une crise de l'évidence publique, de la prolifération des images techniques et des conflits politiques autour de la production de la vérité. En s'appuyant sur les contributions d'Achille Mbembe et d'Ariella Aïsha Azoulay, le texte considère l'évidence non comme une donnée neutre, mais comme l'effet d'opérations matérielles, institutionnelles et historiques de validation. La recension examine comment Fuller et Weizman articulent pratiques artistiques, enquête forensique et infrastructures techniques de sensing afin de proposer une méthodologie investigatrice capable de produire des preuves susceptibles de circuler publiquement dans des arènes telles que le tribunal, le musée et les médias. En mobilisant des notions telles que l'esthétique procédurale, les string figures et le commun agonistique, le texte met en évidence à la fois la force politique du projet — sa capacité à transformer des procédures techniques en opérations esthétiques lisibles — et ses limites, notamment en ce qui concerne les asymétries structurelles qui conditionnent la reconnaissance de l'évidence. Il est enfin soutenu que *Investigative Aesthetics* ne propose pas de solution normative à la dite « post-vérité », mais constitue un outil critique essentiel pour comprendre et disputer les régimes contemporains de la preuve, de l'archive et du commun.

Mots-clés: esthétique investigative, forensic architecture, art-based research, archive, agonistique.

RESUMEN: Esta reseña analiza *Investigative Aesthetics: Conflicts and Commons in the Politics of Truth* (2021), de Matthew Fuller y Eyal Weizman, situando el libro en el contexto contemporáneo de crisis de la evidencia pública, proliferación de imágenes técnicas y disputas políticas en torno a la producción de la verdad. A partir de aportes de Achille Mbembe y Ariella Aïsha Azoulay, el texto comprende la evidencia no como un dato neutro, sino como el efecto de operaciones materiales, institucionales e históricas de validación. La reseña examina cómo Fuller y Weizman articulan prácticas artísticas, investigación forense e infraestructuras técnicas de sensing para proponer una metodología investigativa capaz de producir pruebas movilizables públicamente en arenas como el tribunal, el museo y los medios de comunicación. Al abordar conceptos como estética procedimental, string figures y lo común agonístico, el texto destaca tanto la fuerza política del proyecto —al transformar procedimientos técnicos en operaciones estéticas legibles— como sus límites, especialmente en lo relativo a las asimetrías estructurales que condicionan el reconocimiento de la evidencia. Se sostiene, finalmente, que *Investigative Aesthetics* no ofrece una solución normativa a la llamada posverdad, sino que se afirma como una herramienta crítica fundamental para comprender y disputer los regímenes contemporáneos de prueba, archivo y lo común.

Palabras-clave: estética investigativa, forensic architecture, art-based research, archivo, agonístico.



Investigative Aesthetics

Conflicts and
Commons in the
Politics of Truth



Matthew Fuller
and Eyal Weizman

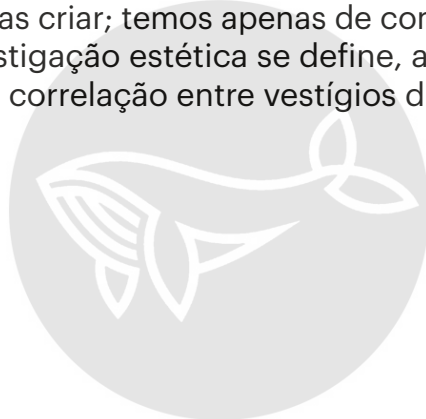
Figura 1: Capa do livro *Investigative Aesthetics: Conflicts and Commons in the Politics of Truth*

Fonte: Autora.

A produção contemporânea da evidência é indissociável das formas de poder que regulam a legibilidade da violência e a possibilidade de sua inscrição na vida pública. Essa regulação se concretiza em dispositivos institucionais que administram a visibilidade, a temporalidade e o reconhecimento da evidência. Entre esses dispositivos, o arquivo se constitui não como um repositório neutro de documentos, mas como uma instância institucional investida de autoridade. Como observa Achille Mbembe, toda definição de arquivo envolve simultaneamente “o próprio edifício e os documentos aí armazenados” (Mbembe, 2002: 19), isto é, uma articulação entre materialidade, arquitetura e poder estatal. A prova emerge, assim, não como dado imediato, mas como efeito de operações materiais de reconstrução e correlação de vestígios, conduzidas em regimes institucionais de validação.

É precisamente sobre esses regimes institucionais de validação que incide a crítica de Ariella Aïsha Azoulay (2017), ao expor sua constituição histórica como tecnologias imperiais de governo. Longe de funcionarem como depósitos do passado, os arquivos operam como dispositivos ativos de regulação do tempo e do acesso. No arquivo material, escreve Azoulay, estão sempre presentes “aqueles que ocupam diversas posições de poder e que estão autorizados tanto a preservar como a expor materiais” (Azoulay, 2017: s/p), assim como aqueles que são autorizados — ou impedidos — de acessar esse espaço. Quando convertidos em depósitos de um passado supostamente concluído, os arquivos neutralizam o potencial acusatório dos documentos: “este distanciamento construiu o arquivo como um repositório de um tempo passado, concluído, de tal forma que não representava uma ameaça real ao poder e à lei” (Azoulay, 2017: s/p). A evidência, assim, é politicamente administrada no tempo histórico.

Publicado em um contexto marcado pela crise da evidência pública, pela proliferação de imagens técnicas e pela instrumentalização política da desinformação *Investigative Aesthetics: Conflicts and Commons in the Politics of Truth* (2021), de Matthew Fuller e Eyal Weizman, consolida e sistematiza práticas investigativas desenvolvidas pelos autores em diálogo com o coletivo *Forensic Architecture* desde a década de 2010. O livro responde a uma transformação concreta no modo como conflitos, violações de direitos e catástrofes ambientais são percebidos, disputados e juridicamente enquadrados. Nesse cenário, o caráter construtivo da evidência torna-se central, sendo ela resultado de processos de produção, reconstrução e sustentação pública. Ao articular arte, investigação e práticas forenses, *Investigative Aesthetics* propõe uma metodologia voltada a enfrentar a questão de como produzir verdade em um regime saturado de imagens, dados e disputas interpretativas. Fuller e Weizman (2021) inscrevem-se no processo de epistemização da arte, conforme descrito por Holert (2020), ao afirmar a arte contemporânea como prática de pesquisa e investigação. Combinando elementos já presentes no domínio público, potencialmente visíveis para todos, em declarações factuais poderosas: “as coisas já existem, não precisamos de as criar; temos apenas de compreender as suas relações” (Fuller & Weizman, 2021: 5). A investigação estética se define, assim, como uma prática de leitura ativa do mundo, fundada na correlação entre vestígios dispersos.



Nesse cenário, a produção da verdade passa a depender de regimes de evidência material mediados por infraestruturas técnicas de *sensing* — satélites, sensores, bases de dados e sistemas algorítmicos — majoritariamente controladas por Estados e corporações. Para Fuller e Weizman, trata-se de uma arena de disputa na qual a montagem e a navegação entre imagens técnicas se tornam politicamente decisivas: “Esta forma de reunir ou entrelaçar diferentes imagens fotográficas e videográficas, em que cada uma se torna uma dobradiça ou uma porta de entrada para outra fonte de informação, abre possibilidades para a contestação política e para um ativismo orientado para a construção de sentido” (Fuller & Weizman, 2021: 6). O acesso à verdade é assim condicionado pela possibilidade de intervir nas infraestruturas técnicas que organizam, filtram e tornam visível a evidência.

Ao longo do livro, as *investigative aesthetics* são definidas como um método que articula práticas artísticas com ferramentas da arquitetura, da análise espacial, da ciência de dados e do direito. Essa definição aparece formulada de modo explícito quando os autores afirmam que “a estética investigativa é, em parte, um processo de construção coletiva de narrativas sobre incidentes a partir de destroços mediáticos” (Fuller & Weizman, 2021: 12-13). Nessa lógica, cada fragmento não opera como prova isolada, mas como ponto de entrada para uma rede de correlações: “cada elemento encontrado não constitui, por si só, uma prova, mas antes um ponto de entrada para estabelecer ligações com outros” (Fuller & Weizman, 2021: 12-13). Essa operação aproxima a investigação estética do que Donna Haraway (2016) descreve como *string figures*: práticas de conexão situadas, nas quais o conhecimento emerge do entrelaçamento contingente entre elementos heterogêneos, e não da estabilidade de um dado isolado. O foco desloca-se, assim, da interpretação simbólica para operações concretas de reconstrução, verificação e apresentação pública da evidência.

Ao enfatizar os procedimentos, o livro reforça o caráter processual inerente à estética. Longe de funcionar como uma camada de conhecimento a posteriori, a estética é entendida como uma forma de atenção e afinação sensível: “a estética era crucial, não, evidentemente, como um ato de embelezamento, mas sim como um exercício de atenção cuidadosa e afinação sensível, estendendo-se à elaboração de meios precisos de percepção e construção de sentido” (Fuller & Weizman, 2021: 12). Ao fazê-lo, *Investigative Aesthetics* se distancia de práticas de pesquisa artística baseadas na acumulação extensiva de materiais, frequentemente criticadas por Claire Bishop (2023) por transferirem ao espectador o trabalho de organização e produção de sentido. A esfera estética é reforçada, assim, como componente ativo na organização sensível e cognitiva das condições sob as quais algo pode aparecer como evidência.

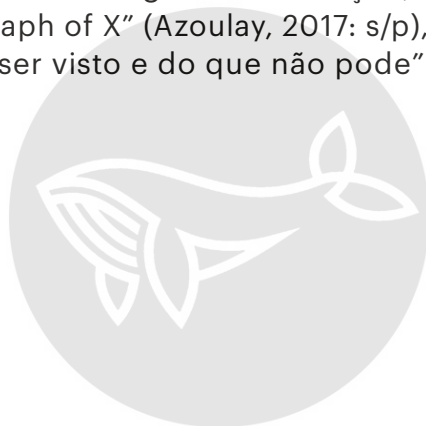
Uma das principais forças de *Investigative Aesthetics* reside na clareza com que transforma procedimentos técnicos — correlação de fontes, reconstrução espacial, leitura de imagens e validação cruzada de dados — em operações estéticas e políticas publicamente legíveis. Ao invés de se apoiar na acumulação indiscriminada de materiais, o livro insiste na necessidade de construir cadeias de evidência verificáveis, concebidas para circular em arenas institucionais diversas e produzir efeitos de responsabilização pública. Nesse

aspecto, o livro é eficaz ao demonstrar como práticas artísticas podem operar não apenas como comentário crítico, mas como instrumentos ativos de imputação de responsabilidade. Ao mesmo tempo, essa aposta metodológica envolve um risco estrutural: ao operar dentro dos regimes dominantes de validação da verdade — jurídicos, midiáticos e institucionais —, a investigação estética permanece dependente das assimetrias que esses próprios regimes reproduzem.

Ao articular investigação artística, prática forense e circulação pública da evidência, o livro posiciona a investigação estética como intervenção em arenas institucionais específicas — tribunais, meios de comunicação, comissões de inquérito e exposições. Essa posição produz uma ambiguidade estratégica, evidente quando os autores observam que uma mesma investigação pode ser desqualificada tanto como “arte” quanto como “evidência”: “críticas de arte referiam-se a esta exposição como “prova, não arte”, enquanto os acusados tentaram desqualificá-la chamando-lhe “arte, não prova” (Fuller & Weizman, 2021: 8). Ainda assim, essa circulação permite que o espaço expositivo funcione como arena agonística, no sentido proposto por Chantal Mouffe (2013), em que o dissenso se torna politicamente produtivo: “transformando o cubo branco ou a caixa negra do museu não apenas num espaço crítico, mas num espaço que pode, efetivamente, morder” (Fuller & Weizman, 2021: 8).

Politicamente, essa forma de investigação se inscreve em um cenário no qual a verdade é objeto de conflito direto. Como observam Fuller e Weizman, os conflitos passam a ser travados não apenas por recursos, mas pela própria interpretação do real: “os conflitos travam-se não apenas em torno dos recursos, mas também em torno da interpretação do real” (Fuller & Weizman, 2021: 12). Nesse contexto, a investigação estética assume um posicionamento epistêmico situado e não neutro: “A estética investigativa assenta na experiência [...] assumidamente parcial, enraizada, ativista ou militante.” (Fuller & Weizman, 2021: 14). A parcialidade não é tratada como falha, mas como condição necessária para a produção de sentido em contextos de assimetria.

É precisamente no ponto da circulação da evidência sob condições estruturais de assimetria que a crítica de Ariella Aïsha Azoulay permite tensionar o projeto de *Investigative Aesthetics* sem deslocar seu eixo metodológico. Ao perguntar “Why an archive? What do we look for in an archive?” (Azoulay, 2017: s/p). Azoulay desloca a questão da visibilidade para os regimes de reconhecimento que definem antecipadamente quais objetos podem sofrer uma promoção ontológica à categoria de documento. Esse deslocamento permite tensionar o modo como investigações estéticas circulam publicamente, sobretudo quando ingressam no espaço expositivo. Nessa passagem, a evidência corre o risco de ser estabilizada como ícone — isto é, de ter sua força política neutralizada pela forma de apresentação. A iconização atua, assim, como tecnologia de contenção, uma vez que “Iconization turns the photograph into the photograph of X” (Azoulay, 2017: s/p), instaurando, no interior da própria imagem, “a lei do que pode ser visto e do que não pode” (Azoulay, 2017: s/p).



É precisamente nesse ponto que a noção de commons proposta por Fuller e Weizman se afasta de qualquer ideal de consenso. Ao conceber o comum como terreno de disputa sensível e epistêmica, *Investigative Aesthetics* recusa a ideia de que a circulação da evidência produziria automaticamente reconhecimento ou justiça. O espaço expositivo aparece, assim, não como lugar de resolução, mas como arena agonística, na qual a evidência pode tanto ser domesticada quanto reativada politicamente — e onde a luta não se dá apenas em torno do que é mostrado, mas das próprias condições sob as quais algo pode contar como prova.

Nesse sentido, *Investigative Aesthetics* é menos um livro sobre arte do que uma reflexão rigorosa sobre as condições contemporâneas de produção da verdade, na qual a arte opera como laboratório metodológico privilegiado. Sua contribuição é particularmente relevante para pesquisadores, artistas e ativistas interessados em práticas de investigação situadas, capazes de atravessar o estúdio, o tribunal, o laboratório e o espaço expositivo sem dissolver as tensões entre esses domínios. Ao mesmo tempo, o livro não resolve — nem pretende resolver — as desigualdades estruturais que determinam quais evidências são reconhecidas, quais vozes são acreditadas e quais conflitos permanecem fora do campo da prova legítima. Sua força reside justamente em tornar essa fricção explícita: ao operar a partir de dentro dos regimes dominantes de evidência, *Investigative Aesthetics* expõe tanto o potencial quanto os limites de uma política da verdade fundada na reconstrução factual. Mais do que oferecer uma resposta normativa à chamada pós-verdade, o livro se afirma como ferramenta crítica para compreender — e disputar — os conflitos contemporâneos em torno da prova, do arquivo e do comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azoulay, A. A. (2017, July 21). *Archive: Ariella Azoulay. Political Concepts: A Critical Lexicon*. <https://www.politicalconcepts.org/archive-ariella-azoulay/>
- Fuller, M., & Eyal Weizman (2021). *Investigative aesthetics: Conflicts and commons in the politics of truth*. Verso.
- Haraway, D. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- Holert, T. (2020). *Knowledge beside itself: Contemporary art's epistemic politics*. Sternberg Press.
- Mbembe, A. (2020). The power of the archive and its limits. In C. Hamilton, V. Harris, J. Taylor, M. Pickover, G. Reid, & R. Saleh (Eds.), *Refiguring the archive*. Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-010-0570-8_2
- Mouffe, C. (2013). *Agonistics: Thinking the world politically*. Verso.

Lais Rabello de Andrade.

É doutoranda em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É investigadora colaboradora no projeto Extreme Sites, sediado no Centro de Estudos Arnaldo Araújo da Escola Superior Artística do Porto. É mestre em Estudos Artísticos: Teoria e Crítica da Arte, possui uma especialização pós-graduada em Arte: Crítica e Curadoria, uma licenciatura em Filosofia e uma licenciatura em Educação Artística com enfoque em Artes Visuais. Email: lais.rabell@gmail.com. ORCID: 0000-0002-2287-0790.

Receção: 25-10-2025

Aprovação: 30-11-2025

Citação:

Rabello de Andrade, L. (2025). Recensão de Livro. Estética Investigativa: Conflitos e comuns na política da verdade. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 8(3), pp.130-137 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav8n3nespa9>



